

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SEMIÁRIDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Deidiane Rodrigues da Silva <sup>1</sup>  
Pedro Paulo Souza Rios <sup>2</sup>

### RESUMO

O estudo apresenta uma reflexão acerca da educação de jovens e adultos no contexto Semiárido, enfatizando seus processos históricos, além de apresentar quem são os sujeitos que fazem parte da EJA. Buscou ainda evidenciar a formação e as práticas pedagógicas dos docentes que trabalham com tal categoria. Para dar conta de tal propósito o estudo foi pautado na teoria da educação a partir de Freire (1996); Arroyo (2011); Gadotti (2005), dentre outros. Na perspectiva da educação contextualizada no Semiárido Brasileiro teremos Reis (2011). Para compreender o processo acima descrito elegemos a metodologia qualitativa, de cunho etnográfico em educação, que teve por *locus* de pesquisa a Escola Municipal localizada no em Senhor do Bonfim – Bahia, onde foi evidenciado que a EJA permanece ainda se configura num tema atual e, portanto, contemporâneo. Percebeu-se ainda a necessidade de rever as práticas pedagógicas e a formação dos/as docentes que trabalham com os sujeitos da EJA. Uma educação pensada para jovens e adultos deve levar em consideração os contextos e as vivências dos/as estudantes, acontecendo dessa forma a contextualização das práticas e fazeres pedagógicos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Sujeitos da EJA, Desafios para EJA.

Há quem diga que a Educação de Jovens e Adultos – EJA enquanto conceito histórico-pedagógico se configura na contemporaneidade enquanto ultrapassado e, portanto esgotado em si mesmo, não tendo mais nada a oferecer, considerando os avanços em políticas públicas educacionais, que o Brasil e vários países tiveram nas últimas décadas.

Contrapondo a essa perspectiva, há os que acreditam que a essa modalidade de ensino está longe de ser um conceito defasado e esgotado em si. Epistemologicamente ele se apresenta mais atual e necessário do que nunca. Mesmo com todo avanço nas políticas educacionais a EJA se apresenta enquanto desafio a ser superado (ARROYO 2001).

Nesse sentido, acreditamos que cabe aos/as estudiosos/as dessa modalidade percebê-la enquanto conceito histórico e dialético, mas não estático e esgotado em si mesmo, ao contrário, ele estabelece links com e nos diversos contextos onde está inserido, num diálogo contínuo e reflexivo entre educador/a e educando/a, desde que esses/as estejam comprometidos/as mutuamente com sua formação.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VII, [deidianesilva1988@gmail.com](mailto:deidianesilva1988@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Filosofia Contemporânea; Graduado em Pedagogia e Filosofia, [peudesouza@yahoo.com.br](mailto:peudesouza@yahoo.com.br)

Assim, pensar a Educação de Jovens e Adultos a partir do Semiárido Brasileiro, considerando sua complexidade territorial, humana e cultural, sem perder de vista os processos de alfabetização aqui implantados se apresenta num desafio contemporâneo que requer novos olhares. Pensar o Semiárido e os processos educativos e pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos para além de conceitos e paradigmas estigmatizados é, portanto considerar essas realidades enquanto realidades complexas e contemporâneas (RIOS e VIEIRA, 2016).

A EJA é uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, que visa garantir o acesso à educação aos sujeitos que não tiveram oportunidade de ingressar na escola ou que não tiveram como dar continuidade aos estudos na idade certa. A EJA se configura ainda enquanto instrumentos potencializador com o intuito de prepará-los/as para o mercado de trabalho e o pleno exercício da cidadania desses sujeitos, sendo uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever.

Dessa maneira o presente estudo tem por objetivo refletir acerca dos desafios e perspectivas da EJA no Semiárido Baiano e teve como *locus* uma escola localizada no município de Senhor do Bonfim – Bahia.

## **1. POR UMA EDUCAÇÃO REPARADORA, EQUALIZADORA E PERMANENTE**

No Brasil, durante muito tempo, as políticas educacionais viram no analfabetismo a causa e não o efeito da situação social e cultural do país. A pessoa privada de educação escolar passou a ser tratada como uma criança grande dentro dos parâmetros psicológicos e sociais se esquivando muitas vezes da sua função reparadora, equalizadora e permanente.

De acordo com o parecer CNE/CEB 11/2003, as funções da EJA caminham no sentido de reparar uma dívida social,

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado desse acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Sendo essa, portanto, a primeira função dessa modalidade de ensino. Significando “não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano” (BRASIL; 2000).

A função reparadora nesse sentido se configura como ponto de partida para a efetividade da igualdade de oportunidades, explicada na função equalizadora.

Por sua vez, a função equalizadora da EJA busca garantir o ingresso de jovens e adultos no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, ou ainda pelas desiguais oportunidades de permanência, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, possibilitando aos indivíduos a inserção no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços, da estética e nos canais de participação, garantindo dessa maneira o pleno exercício da cidadania.

A LDB de 1996, nos os artigos 37 e 38, da Seção V do capítulo II, vem tratar da Educação de Jovens e Adultos onde se dá a nossa abordagem. A resolução da CNE/CEB N°1, 5 de Julho de 2000, estabelece também as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Faz-se necessário que esses jovens e adultos sejam ingressados no sistema de educação, e que a prática pedagógica seja refletida de forma dinâmica, inclusiva e libertadora, que os conteúdos façam sentido para a vida, pois trata-se de uma parcela da população que não teve o acesso à educação na infância, pois foram excluídos ou evadidos dela. Conforme destaca Arroyo (2011):

O direito dos jovens e adultos à educação continua visto na ótica da escola, da universalização do Ensino Fundamental, de dar novas oportunidades de acesso a esses níveis não cursados no tempo tido em nossa tradição como oportuno para escolarização. Nessa perspectiva os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso na infância e na adolescência ao Ensino Fundamental ou dele foram excluídos, ou dele evadiram; logo, propiciemos uma segunda oportunidade (p.98).

Essa segunda oportunidade retratada por Arroyo (2011), visa o acesso de uma segunda oportunidade de escolarização, despertando um novo olhar perante esses jovens e adultos que anseiam por uma nova chance visando à superação. Dessa forma o acesso à escolarização visa à superação das dificuldades, da desigualdade social, e ao mesmo tempo propõe o acesso á uma política pública igualitária.

Esses jovens e adultos, muitas vezes lutam por uma melhoria de condições de vida como: moradia, um melhor salário, emprego, saúde. E esses mesmo jovens e adultos que

enfrentam a EJA, são jovens trabalhadores que gritam e urgem por uma melhor educação. Esses programas de educação não podem ser medidos pela exatidão metodológica, mas pela intensidade que é gerada nas vidas desses estudantes. Como cita Gadotti e Romão (2008, p. 32).

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador.

Quando esses/as alunos/as de EJA voltam à escola eles carregam consigo uma bagagem de vida, uma formação de aprendizagens. Vendo a educação de EJA como espaço formador. A EJA terá que se adequar a esses novos sujeitos que ali foram ingressos. Nessa perspectiva do novo olhar, será mais fácil adequar-se a uma educação igualitária e uma educação aberta ao novo.

## **2. EJA NO CONTEXTO SEMIÁRIDO: EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA SECA**

O Semiárido Brasileiro sempre esteve em evidência no cenário nacional por meio dos noticiários, políticas públicas e emergenciais, comumente por questões climáticas, dando ênfase às tragédias provocadas pelos longos períodos de seca, nesse contexto não eram levados em consideração os sujeitos, as culturas, os saberes e os fazeres e toda complexidade imbricados no território.

A escola e o fazer pedagógico foram, sem dúvidas, um dos seguimentos que mais sofreram com as mazelas e o descaso dos políticos que só pensavam a região para benefício próprio (ALBUQUERQUE, 1999). Fomentando assim, o contingente de analfabetos no Nordeste, tendo como principal alvo as regiões Semiáridas, possivelmente por seu distanciamento dos grandes centros (REIS, 2011). Assim, a escola e os processos educativos foram, e continuam sendo desafios a serem superados pelos povos e organizações articuladas no Semiárido.

Na década de 1960 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB preocupada com o grande número de analfabetos no país vai implantar o Movimento de Educação de Base – MEB, que ficou conhecida posteriormente como as escolas radiofônicas (ANDRADE, 2010). Contudo, nas décadas seguintes é que serão implantadas ações que tinham por princípio a erradicação do analfabetismo no país.

No território de Identidade Norte do Itapicuru que abrange os municípios de Senhor

do Bonfim, Andorinha, Jaguarari, Antônio Gonçalves, Campo Formoso, Ponto Novo, Pindobaçu, Filadélfia e Itiúba essa modalidade de educação nasce em meados da década de 1980, com a articulação das Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, organizadas a partir dos princípios da Teologia da Libertação.

As nomenclaturas em torno da EJA no seu nascimento são inúmeras e alteram de região pra região. A saber, os Círculos de Cultura, que tinha por base os princípios da pedagogia freiriana, em que prevalecia a autonomia dos sujeitos (FREIRE, 1986) estavam presentes em todos os municípios da diocese de Bonfim nesse período.

Nessa perspectiva, é perceptível a presença dessa modalidade de ensino no Semiárido Brasileiro desde sua origem, se configurando dessa maneira num espaço rico e criativo do fazer educativo voltado para jovens e adultos que foram privados do direito a educação na idade certa.

Dessa maneira, de acordo com Rios e Vieira (2016) a escola precisa rever as suas práticas pedagógicas. Partindo do princípio de que imprescindível formar sujeitos pensantes e pensadores dos e nos processos sociais, sendo assim:

A revisão de prática, ou de práticas, não diz respeito meramente à aquisição de novos conceitos ou a assimilação de novos paradigmas. É necessária e urgente uma revisão do modo como se vem fazendo educação, e isso inevitavelmente conduzirá a uma mudança da práxis. Essa nova práxis deve considerar que os sujeitos são globais e locais (p. 14).

A educação de jovens e adultos no Semiárido dessa forma deve necessariamente levar em consideração os saberes práticos de que nos fala Freire (1996) em Pedagogia do Oprimido, ou seja, é de fundamental importância que os saberes pedagógicos tenham sentido e significado nas práticas e vivências desses sujeitos, seria o imbricamento necessário do conhecimento epistemológico aplicado às reais necessidades dos e das estudantes da EJA.

### **3. QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EJA?**

Pensar a Educação de Jovens e Adultos, dentre outros fatores, implica pensar acerca dos sujeitos envolvidos nesse processo, já que a mesma se articula em um sentido amplo e complexo. Dessa maneira é necessário tomar como referência a pluralidade dos sujeitos que dela fazem parte, sendo essa estigmatizada como o espaço daqueles/as que social e economicamente podem menos e também obtêm menos.

Os/as estudantes da EJA formam um grupo bem diversificado, tendo que vencer barreiras geográficas, sociais, econômicas, físicas dentre outras para estarem de volta à escola, correspondem assim, a uma parte da população que historicamente vem sendo excluída.

### 3.1 A EJA e a educação dos “Os ninguéns”

O poema “Os ninguéns” de Eduardo Galeano (2002, p. 71) nos ajuda a compreender quem são esses sujeitos.

Os ninguéns  
Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.  
Que não são, embora sejam.  
Que não falam idiomas, falam dialetos.  
Que não fazem arte, fazem artesanato.  
Que não são seres humanos, são recursos humanos.  
Que não aparece na história universal,  
Aparecem nas páginas policiais da imprensa local.  
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Galeano (2002) em “Os ninguéns” nos provoca a pensar acerca da população que vem sendo excluída historicamente por um sistema desumano e desumanizador. O autor nos apresenta numa linguagem poética, simples e direta uma realidade cruel, por meio de palavras fortes e reflexivas. Ao se referir: “Os ninguém, os filhos de ninguém, os donos de nada”. Compreendemos que Galeano poderia está se referindo aos/as estudantes da EJA. Sujeitos que socialmente não tem valor, não significando nada para o mercado que visa o lucro pelo lucro.

Os sujeitos da EJA, em linhas gerais, são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar". Arroyo (2001) ainda chama a atenção para o discurso escolar que os trata, *a priori*, como os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional.

Nesse contexto, os/as educadores/as precisam estar atentos para as demandas e potencialidades dos sujeitos da EJA, considerando-os sujeitos em todas as propostas e projetos pedagógicos. Como nos alerta Carrano (2000, p.10), sobre os sujeitos jovens: “ao dialogarmos como educadores, nos abrimos para a totalidade do processo educativo do qual a escola e seus sujeitos são partes indissociáveis”.

Dessa maneira, o papel do/a professor/a é despertar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, visando transformar os obstáculos reais em dados concretos de reflexão

empírica, buscando entender o processo educativo, uma vez que este está relacionado com seu tempo, sua história e seu espaço.

#### **4. VIVÊNCIAS EDUCATIVAS EM SENHOR DO BONFIM**

Procurando evidenciar a construção da EJA e suas vivências em Senhor do Bonfim e quais caminhos deveriam ser percorridos no presente estudo, consideramos pertinente salientar que o município conta com o Departamento de Educação do Campus VII da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, considerada pioneira e uma das mais tradicionais instituições do ensino superior público na Bahia e que oferece cursos de graduação, licenciaturas em Pedagogia, Matemática e Ciências Biológicas e bacharelados em Ciências Contábeis e Enfermagem, alguém de cursos de licenciaturas vinculados ao Plano Nacional de Formação de Professores – PAFOR, tais como: Sociologia, Letras, Educação Física, Química, Física, dentre outros.

##### **4.1 Metodologia: caminhos para compreender a EJA**

Entendemos que metodologia se trata dos trajetos percorridos para alcançar determinada finalidade, os meios ou estratégias utilizadas em busca daquele objetivo. Essa pesquisa é classificada como qualitativa, pois não se preocupa apenas com a representação numérica e sim, nos permite ter uma interpretação aprofundada e a compreensão de determinado grupo social, objeto do nosso interesse.

Um ponto importante na proposta do método qualitativo conforme destaca Trivinos (1987) trata-se da sua compreensão que pode-se desvendar importantes informações sobre o sujeito da pesquisa, seu modo de vida e relações interpessoais, as falas e os conteúdos impregnados de significados.

Os instrumentos utilizados para captar os dados que necessitamos são o questionário e a entrevista, que segundo Ludke e André (1986 p.34), na metodologia aplicada, diz que: “a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa”. Optamos por fazer as entrevistas com os/as professores/as da escola, por considerar esse o método mais adequado na obtenção de dados.

Ainda considerando a perspectiva etnográfica aplicamos os questionários fechados aos/as estudantes, sempre respeitando a disponibilidade e o tempo de cada um/a. Para esse propósito tivemos um total de três (03) encontros em sala de aula, sendo o primeiro de sensibilização e dois (02) de aplicação dos mesmos.

Além do questionário fechado aplicado aos/as alunos/as foram feitas entrevistas semiestruturadas com duas professoras da escola que trabalham especificamente com EJA, aqui denominadas por professora Nivea e Professora Seixas.

#### **4.2 Locus da pesquisa**

A etnografia aconteceu numa Escola Municipal, localizada em Senhor do Bonfim – Bahia, num bairro popular com uma população de três mil habitantes, conforme dados da Secretaria Municipal da Saúde, por meio de mapeamento de todas as famílias do bairro.

Esta escola oferta os seguintes cursos: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II no turno matutino e vespertino e EJA no noturno. Além de contar com Atendimento Educacional Especializado (AEE).

#### **4.3 Sujeitos da pesquisa**

Quando se fala no perfil dos/as educandos/as nos deparamos com sujeitos de diversas faixas etárias e com inúmeras histórias de vidas que por diversos motivos foram excluídos da escola “regular” ou que pelo ingresso no mercado de trabalho ou evadiram-se dela. Os jovens, adultos e idosos que constituem este grupo heterogêneo do ponto de vista social e econômico são delimitados segundo Oliveira (1996) não somente pela idade, mas por serem um conjunto de indivíduos heterogêneos, com especificidades próprias, inseridos na diversidade de grupos geracionais e culturais distintos presente na sociedade atual.

De um total de quarente (40) estudantes matriculados na escola apenas 14 estudantes frequentam as aulas, com os quais desenvolvemos a pesquisa. Desses 21% são homens e 79% são mulheres, evidenciando a participação maior das mesmas. Desses 57% estão entre 15 e 17 ano, 14% tem entre 18 a 25 anos e 29% tem entre 36 e 50 anos.

As escolas para jovens e adultos “recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente variados” (BRASIL, 2006, p 7).

Nesse caso específico os/as estudantes se identificaram como sendo trabalhadores/as informais, diaristas, empregadas domésticas, babas, pensionistas, agricultores/as, desempregados/as e apenas um é funcionário público concursado. Desses 79% são solteiros, 21% casado representa 7% e viúvos 14%. Dos solteiros 64% têm filhos, sendo em sua maioria mulheres.

A professora Nívea é licenciada em Pedagogia e História e na turma de EJA assume os componentes curriculares do campo das ciências humanas e sociais. A professora Seixas é licenciada em matemática e assume os componentes vinculados às áreas de exatas.

## **5 ANÁLISE DE DADOS**

O questionário fechado aplicado com os/as estudantes foi composto de doze (12) questões dividido em três (03) partes. A primeira se referia aos dados sociais e culturais dos/as estudantes; a segunda ao histórico escolar; e a terceira aos processos de ensino-aprendizagem na EJA, sobre a qual deteremos boa parte da nossa análise.

### **5.1 O retorno à sala de aula: motivações e recuos**

Retornar a sala de aula depois de um período de afastamento é sempre um grande desafio e requer por parte do jovem ou adulto um esforço a mais. No caso dos/as estudantes da EJA esse esforço se configura no vislumbramento de um emprego melhor e em muitos casos do primeiro emprego.

De acordo com Ferrari (2011), o jovem que pertence ao mundo do trabalho, ou do desemprego, é como é mais comum, incorpora-se ao curso da EJA objetivando concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas do mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado. A melhoria salarial e a busca por emprego se apresenta como o principal motivo para o retorno à escola por parte dos/as entrevistados/as, representando um total de 78%. Nesse sentido, Reis (2011, p. 28) afirma que é ao reconhecer a necessidade dos estudos que você pode tornar possível “adquirir coisas, é você poder se sentir, se posicionar diante da vida e das pessoas”.

Outra motivação é a percebida é a necessidade de conhecimento pelo conhecimento, uma vez que os/as mesmos/as não tiveram oportunidades quando eram crianças. Assim, o retorno a escola tem um poder crucial na vida daqueles que passaram algum tempo longe dela. Oliveira (1996), investigando os processos de alfabetização e jovens e adultos, considera que o retorno à sala de aula é um marco determinante na retomada dos vínculos do conhecimento, libertando-os do estigma do analfabetismo e das emoções de sentirem-se inferiores.

Para os/as entrevistados/as que já tem filhos/as ficou evidente o desejo de querer contribuir para uma melhor educação dos/as mesmos/as. Para Gadotti e Romão (2008) o desejo de contribuir com as gerações futuras é algo recorrente aos/as estudantes da EJA, uma vez que muitos/as já são pais/mães, avós ou avôs. Ainda para esse autor o motivo que os fazem retornar

a escolar é o deve ser a mola mestra do processo ensino-aprendizagem. A pedagogia pensada para esses sujeitos precisa necessariamente perpassar por essas motivações.

Quanto aos motivos que os/as fazem se afastar da escola o cansaço se apresenta como o principal, considerando o fato de que todos/as durante o dia desenvolvem atividades seja no trabalho formal ou informal. Tal motivo também é ressaltado na fala da professora Nívea:

[...] Por conta por ser noite, trabalhar no turno noturno, muitos perdem aula, então às vezes eu venho pra escola e tenho o que? Trabalhar com 8 alunos, 7 alunos, tem dias que eu tenho mais 10, 15, 12. Então eu acho que fica, né tão motivador quando você tá numa sala de aula que tem o mínimo de aluno. Então a evasão no noturno é grande.

O cansaço físico que serve como elemento desmotivador dos/as estudantes acaba refletindo na práxis pedagógica docente. Mesmo assim as professoras reforçam seu compromisso com a EJA: “Que desanima, desanima, mas eu gosto de trabalhar com EJA, me identifico com esse público. Me identifico de verdade [...]” (Professora Seixas).

Nesta mesma perspectiva o/a professor/a precisa se posicionar enquanto aquele/a que motiva, que estimula, que incentiva, não lhe cabendo jamais ser um/a sociador/a de sonhos, como bem disse Paulo Freire: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar” (1996, p. 144).

Sobre isso as professoras compreendem assim a teoria freiriana da autonomia dos sujeitos ao reforçam: “Eu não tenho o direito de impedi-los de sonhar, a mim cabe estimular, ainda que seja uma tarefa árdua e quase impossível”. (Professora Nívea). Esse estímulo é feito muitas vezes de maneira simples conforme relata a professora Seixas:

Então eles precisam de uma novidade de uma coisa diferente, de um vídeo, de uma atividade prática, levar pra cozinha como a gente levou outro dia, eles pra cozinha, eles amaram ir pra cozinha né. Uma atividade assim mais voltada mais pra questão do dia a dia deles pra vivência diária deles. Acho que é bem mais interessante do que eles ficarem na mesmice né, né o quadro e aquela tarefa ali por que eu acho que na pratica eles aprendem mais e se interessam e voltam a sonhar.

Para alguns estudiosos da EJA o cansaço físico após um dia de trabalho, geralmente em atividades que requerem muito esforço físico acabam por determinar a desistência de muitos/as estudantes da EJA (ARROYO, 2001; GADOTI, 2005). Isso requer por parte dos/as professores/as um esforço didático maior, utilizando uma pedagogia na perspectiva freiriana onde o fazer educação tenho sentido com o fazer prático dos sujeitos em processo de formação (FREIRE, 2006).

## CONSIDERAÇÕES: POR UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

A partir da observação e entrevista feitas em uma turma do Segmento II da Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede municipal de ensino, dos estudos realizados sobre o perfil do público da EJA e da relação professor-aluno-conteúdo destacamos a diversidade geracional e cultural presente nesta modalidade de educação. A vivência em uma sala de aula entre pessoas de diferentes faixas etárias preconiza a organização de um ambiente escolar aberto ao diálogo e ao entendimento das especificidades que caracterizam cada sujeito constituinte da EJA.

Assim, a escola necessita entender esses sujeitos a partir de suas diferenças culturais e cognitivas, aliando ao processo ensino-aprendizagem conteúdos e conhecimentos práticos que sirvam para a vida social dos indivíduos e que os permitam atuarem de forma crítica e reflexiva na sociedade a qual estão inseridos.

Nesta proposta de contemplar as singularidades e perfil dos alunos da EJA é que o professor deve se fazer atento a sua prática pedagógica promovendo um ambiente favorável a aprendizagem significativa dos seus alunos reconhecendo-os como grupo homogêneo, entretanto, respaldados pela heterogeneidade que permeia essa modalidade de educação.

Pensar na Educação de Jovens e Adultos é compreender que a aprendizagem se dá de forma contínua ao longo da vida, é analisar a realidade social, cultural e econômica dos sujeitos que integram essa modalidade e criar um sistema de ensino que se identifique com as características da própria EJA oferecendo assim uma educação de qualidade as pessoas que não tiveram acesso à escola na idade regular.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Lucimar Batista. **Movimento de Educação e Base – MEB: Sua Reconstituição Histórica no Município de Senhor do Bonfim – BA, no Período de 1961 a 1964**. 2010.

ARROYO, Miguel. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania**. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96. Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Interministerial Nº 221 de 10 de março de 2009. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2006.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Identidades juvenis e escola. Alfabetização e Cidadania**. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), n.10, nov. 2000.

FERRARI, S. C. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_shileyCostaFerra.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_shileyCostaFerra.pdf). acesso em 20/05/2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 14ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, Moacir; Romão, José E. **Educação de jovens e adultos: prática e proposta** / Moacir Gadotti e José Romão (orgs.) – 10. Edd. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9ª edição. – Porto Alegre: L&PM, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ Marli E.D.A. **A pesquisa em educação. Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, M. C. **Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre –RS. 1996.

REIS, Edmerson dos Santos. **A pesquisa participante num enfoque fenomenológico – um viés metodológico para a compreensão das práticas educativas fundamentadas na contextualização** In REIS, E.S; CARVALHO, L.D. Educação contextualizada: Fundamentos e Práticas. UNEB – Campus II, 2011, Juazeiro, BA.

RIOS, Pedro Paulo Souza; VIEIRA, André Ricardo Lucas. **Educação de Jovens e Adultos no Contexto Semiárido Brasileiro: Desafios e Perspectivas**. In: Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais. Jundiaí: PACO, 2016.

TRVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atras, 1987.